

**A TERRITORIALIDADE  
DA LÍNGUA INGLESA-AMERICANA  
E A MULTITERRITORIALIDADE GEOLINGUÍSTICA**

*Diego Barbosa da Silva (UERJ)*

[vsjd@uol.com.br](mailto:vsjd@uol.com.br)

Vivemos, hoje, uma época individualista, em que as pessoas se trancam em suas salas de bate papo, vivendo virtualmente, distanciando-se do contato direto com seus semelhantes. Nesse ambiente pós-moderno de microeletrônica, engenharia genética, biotecnologia, robótica, nanotecnologia, *software* e *hardware*, a ciência avança rapidamente apresentando-nos uma nova tecnologia a cada semana. Nesse contexto surge a internet reduzindo espaços, unindo pessoas, diminuindo distâncias, (re)criando “lugares virtuais”, aproximando-nos de espaços distantes, através do *Google Earth* e agora do *Google Street*. Atualmente, com esses programas de computador é possível caminhar por Paris não apenas pelos pés, mas pelos olhos através do monitor. As fronteiras estão desaparecendo e a vida cotidiana não é mais a mesma.

Edmilson Costa sobre a os avanços da internet escreveu:

Apesar do pouquíssimo tempo de disseminação generalizada, a internet hoje é a ferramenta tão surpreendente e com mutações tão extraordinárias que se torna difícil imaginar o seu futuro daqui a uma década, por exemplo. Na velocidade da luz pode-se hoje enviar e-mail para qualquer parte do mundo e o destinatário receberá em tempo real. É possível também realizar operações comerciais em qualquer parte da Terra onde exista acesso à internet, reproduzir músicas, vídeos, livros, textos e imagens em geral, além de fazer operações financeiras, acessar jornais, visitar bibliotecas, museus, (arquivos) ou mesmo educação à distância. (Costa, 2008, p. 110)

Para que o mundo todo pudesse interagir foi necessário utilizar algo que acabou expressando e representando de certa forma todo esse contexto global que estamos vivemos, da publicidade à informática. Renato Ortiz (2004, p. 1) traduziu bem essa ideia ao afirmar que “a globalização declina-se preferencialmente em inglês”.

Neste artigo discutiremos como a língua inglesa se tornou uma língua global, exercendo poder em todo o mundo e em várias

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

áreas do conhecimento, analisando o processo de territorialidade do inglês em tempos de globalização.

### **O ESTADO NACIONAL E A LÍNGUA NACIONAL**

Com a formação dos Estados Nacionais, nos séculos XIV ao XVI, a língua passa a ser uma questão de Estado, muitas vezes na busca da afirmação de uma identidade nacional em contraposição às demais nações. Torna-se necessário para isso uma normatização da língua. Tanto para fins burocráticos, como emitir documentos ou para produzir leis era preciso um modelo de língua. (Bagno, 2008, p. 33) Ela torna uma arma seja na manutenção do grupo que está no poder e controle, seja na consolidação da nação, da identidade nacional, frente ao imperialismo de outras nações. Bourdieu (1996, p. 31) diz que é no processo de constituição do Estado que se criam as condições da constituição de um mercado linguístico unificado e dominado pela língua oficial. Ele foi ainda mais longe ao afirmar que a língua oficial que se impõe de maneira imperativa, sendo a única legítima naquela jurisdição, contribui para reforçar a autoridade que fundamenta sua dominação. A língua aqui é vista como algo que compõe a essência da nação, reforçando e reafirmando a identidade nacional no dia a dia.

Podemos observar adiante como alguns estudiosos do século XX viam a relação língua-Estado. O escritor francês de idioma provençal, prêmio Nobel de Literatura em 1904 e defensor das línguas regionais francesas, Frédéric Mistral dizia que “a língua é o mais poderoso instrumento de conquista, porquanto permite impor ideias e valores sem contestação” e o geógrafo francês Vidal de La Blache, nas vésperas da I Guerra Mundial afirmava “o papel de um país no mundo se mede pelo número de indivíduos que falam sua língua” (Souza, 2001, p. 12). Com essas falas podemos notar a importância dada à língua no processo de colonização e no imperialismo, sobretudo de nações europeias nos demais continentes. Esse imperialismo teve como consequência a adoção de idiomas europeus como línguas nacionais de países africanos e asiáticos, mesmo após o surgimento de movimentos nacionalistas de independência.

TERRITÓRIO DA LÍNGUA INGLESA

A formação dos Estados Nacionais mantém uma relação próxima com a economia mercantilista e o colonialismo. Foi através deste último e depois mais intensamente pelo imperialismo, que a cultura europeia vai se expandir pelo mundo, trazendo pela primeira vez uma ideia ainda que bem diferente da globalização de hoje.

Foi pelo colonialismo que as línguas portuguesa e espanhola foram introduzidas na América por países que iniciaram o período das grandes navegações, mas que no século XVII entraram em declínio. A França, mesmo tendo se “lançando ao mar” tardiamente se comparadas aos países ibéricos, por uma posição estratégica na Europa Ocidental e por um governo rígido, absolutista e um Estado centralizador vai se destacar nos séculos seguintes, assim como a Inglaterra. Destarte, os ingleses colonizaram as treze colônias na América e os franceses, o Canadá e a Índia.

A partir daí, a língua francesa vai desempenhar um papel importante, ascendendo como língua internacional de diplomacia entre as nações e também como língua de cultura. Tamanha a importância do francês, que foi a língua pela qual se difundiram as ideias iluministas e revolucionárias francesas. Contudo, o domínio da língua francesa no mundo perpetuou-se durante os séculos XVII ao XIX e durou até ser superado pela língua inglesa. Alguns acontecimentos marcaram tal mudança como a Guerra dos Sete Anos<sup>68</sup>, a Revolução Industrial na Inglaterra no século XVIII e a Independência dos Estados Unidos em 1776<sup>69</sup>. John Adams, presidente americano, chegou a

---

<sup>68</sup> A Guerra dos Sete Anos (1756-1763) foi um conflito internacional entre a Grã-Bretanha, Prússia, Portugal e aliados contra a França, Áustria, Espanha, Rússia e aliados, pela posse de territórios na Europa e pelo controle comercial e marítimo das colônias nas Índias e na América do Norte.

<sup>69</sup> Logo após a independência dos Estados Unidos, surge uma polêmica a respeito de qual língua adotar como oficial da nova nação, já que o inglês estaria ligado à colonização. As propostas foram diversas desde o hebraico, o grego clássico, língua da democracia, o alemão, principal língua na Pensilvânia, ou o *Federal English*, sugerido pelo dicionarista e lexicógrafo Noah Webster, que seria uma língua unificadora, distinta da variação inglesa na ortografia e gramática. John Adams afirmou inclusive que “uma nação tem direito de cunhar novas palavras, como tem o direito de cunhar moedas” (Wright, 2004, p. 142). Porém como afirma Douzet (2005:40) o inglês sempre se impôs “sem dor” sem a necessidade de ser língua oficial, pois o país foi criado e pensado por anglófonos.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

afirmar em 1780 que “o inglês está destinado a ser, no próximo século e nos seguintes, uma língua mundial em sentido mais amplo do que o latim foi na era passada ou o francês é no presente” (Crystal, 2004, p. 19; Mariani, 2004, p. 165). O francês se expandiu por questões políticas, econômicas, militares, religiosas, culturais e pelo mesmo motivo entrou em declínio. O marco decisivo dessa disputa entre o francês e o inglês, com prevalência deste último, foi o Tratado de Versalhes <sup>70</sup>, que pôs fim a I Guerra Mundial e foi o primeiro tratado internacional redigido em inglês.

Com a Europa arruinada pela guerra, os Estados Unidos iniciaram uma virada para se tornarem potência mundial que se concretiza ao final da II Guerra Mundial e a vitória dos aliados, porém a língua inglesa só se tornou hegemônica após o fim da Guerra Fria, com o colapso da União Soviética (URSS) e com a consolidação da globalização nos anos 1990.

Muitas são as obras que definem globalização, mas citaremos Steger em Kumaravadivelu (2006, p. 130). Para ele, a globalização é “uma série multidimensional de processos sociais que criam, multiplicam, alargam e intensificam interdependências e trocas sociais a nível mundial, ao passo que, ao mesmo tempo, desenvolve nas pessoas uma consciência crescente das conexões profundas entre o local e o distante”.

A respeito da globalização, Kumaravadivelu (2006, p. 132-134) destaca três visões. A primeira considera a globalização um processo de ocidentalização, defende que uma homogeneização estaria ocorrendo e nela a cultura norte-americana de consumo constitui o centro dominante. Para a segunda visão ou escola, ocorre um tipo de heterogeneização, uma reação das culturas locais e identidades à ameaça da globalização. E finalmente para a terceira escola, há uma tensão entre homogeneização cultural e heterogeneização cultural. Para a última escola,

---

<sup>70</sup> Foi o presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson (1912-1921) que propôs que o Tratado de Versalhes, além do francês, fosse redigido também em inglês. A Liga das Nações, organização criada em 1919/1920 através do Tratado de Versalhes e precursora da ONU teve como línguas oficiais o inglês e o francês.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04**

O global está localizado e o local está globalizado. Acreditam que a transmissão cultural é um processo de dois modos, no qual as culturas em contato modelam e remodelam umas às outras direta ou indiretamente. Afirmando que as forças da globalização e as da localização são tão complexas que não podem ser compreendidas na perspectiva limitada de uma dicotomia centro-periferia. O global está em conjunção com o local, e o local é modificado para acomodar o global. (Kumaravadivelu, 2006, p. 134)

Podemos notar a presença do caráter homogeneizador da globalização em todas as escolas acima, ou pelo menos parte dele, seja em tensão com a heterogeneização cultural seja como causa de uma reação heterogeneizadora.

A globalização foi fundamental na ampliação do território da língua inglesa, já que ela era a língua oficial da maior potência mundial, os Estados Unidos, carro chefe da economia, sede da maioria das transnacionais, e condutor do processo globalizante. Uma língua alcança um status verdadeiramente global, observa David Crystal (1997, p. 2), quando desenvolve um papel especial reconhecido em todos os países. Ou seja, o inglês em associação com a economia global e entendida como “escolha natural ao progresso”, tornou-se uma língua global, pois se espalhou pelo mundo, feito que nem o latim alcançou.

Assim, o território da língua inglesa tornou-se vasto e hoje engloba todo o planeta em diferentes esferas de poder e forma de se relacionar com o inglês.

Nos países onde é língua materna da maioria da população, como no Reino Unido, nos Estados Unidos, Austrália, Nova Zelândia e alguns países caribenhos, o inglês atinge todas as esferas de conhecimento, educação e trabalho de maneira praticamente absoluta<sup>71</sup>. Nos demais países de colonização inglesa, como Nigéria, África do Sul, Índia e Quênia, ele exerce uma espécie de domínio sobre as demais línguas, sendo considerado língua de prestígio, língua da elite governante e língua oficial de unificação nacional.

---

<sup>71</sup> Contudo não podemos ignorar o movimento *English Only*, a favor do monolingüismo, para declarar o inglês língua oficial dos Estados Unidos e também o surgimento do Spainglish falado por imigrantes latinos, assim como o avanço do espanhol, principalmente nos estados austrais estadunidenses.

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

Nos países restantes, aqueles que falam outras línguas como o Brasil, Portugal, México, Arábia Saudita, Egito, Indonésia, Alemanha, China e Federação Russa, o inglês se destaca como primeira língua estrangeira, língua internacional, língua da racionalidade, da modernidade e, muitas vezes, é visto como “chave para abrir portas para a mobilidade social dentro e através de fronteiras nacionais” (Kumaravadivelu, 2006, p. 135).

Destarte, nestes diferentes territórios, o inglês, tornou-se hegemônico em todo o planeta. De acordo com alguns, o inglês só estava no lugar certo na hora certa (Crystal, 1997), mas de acordo com outros ele foi a galope nas costas do colonialismo (Pennycook, 1998). Como podemos ver, a posição privilegiadas da língua inglesa não tem relação com questões gramaticais ou potenciais do idioma, mas sim com questões materiais e históricas.

Uma língua se torna língua mundial por uma única razão, o poder do povo que a fala, poder significa, poder político-militar, tecnológico, econômico e cultural, como na publicidade, ciência, comércio, diplomacia, controle de tráfego aéreo, música e cinema. Neste caso, o poder político está relacionado diretamente ao colonialismo e poder tecnológico e econômico relacionado à Revolução Industrial (Crystal, 2004, p. 1).

Louis-Jean Calvet (2005, p. 1) desenvolveu a teoria gravitacional para explicar o papel ocupado pelo inglês no presente e pelas demais línguas de prestígio. Para ele em torno da língua hipercêntrica (o inglês) gravitam uma dezena de línguas supercentrais (francês, espanhol, árabe, chinês, português, malaio, russo, alemão, hindi, suaíle) línguas nacionais, difundidas por um certo número de países, ao redor das quais gravitam de cem a duzentas línguas centrais, demais idiomas nacionais ou regionais com maior prestígio, que por sua vez constituem o eixo de gravitação de cinco a seis mil línguas periféricas.

Através dessa teoria, Calvet descreve duas espécies de bilinguismo, o horizontal, quando o indivíduo fala duas línguas de mesmo nível, como o francês e o espanhol, e o bilinguismo vertical, quando se adquire uma língua de nível superior. Tal teoria, meramente descritiva, pressupõe uma ideia de movimento, em que as posições das línguas poderiam se modificar de acordo com o contexto histórico. O linguista francês, utilizando a sua teoria afirma, que um

## ***Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04***

bilíngue árabe/kabila em 99% dos casos tem o kabila como primeira língua, já que o árabe é língua supercentral, em comparação com o kabila, língua periférica do sistema gravitacional. Esse sistema nos mostra como interagem as línguas atuais com destaque para o inglês ao centro.

Contudo, analisando a influência e o poder exercido pelo idioma anglo-saxão, podemos perceber algumas etapas neste processo de hegemonia pós 1990. O primeiro momento seria quando a língua inglesa atinge a hegemonia nos anos 1990, após o colapso da URSS e do crescimento da globalização. Notamos aqui, uma ampliação clara da territorialidade da língua inglesa, por múltiplos territórios, uma difusão para todo o globo exercida, sobretudo pela hegemonia política-econômico-militar dos Estados Unidos e o crescimento das transnacionais e sua expansão pelo mundo todo. O inglês rompe de vez as fronteiras nacionais, transformando diversos territórios<sup>72</sup> pelo globo e sendo encarado como imagem da globalização, do poder dos Estados Unidos, sofrerá resistência como a Lei Toubon na França e a Lei Aldo Rebelo<sup>73</sup> no Brasil. Tais medidas podem ser vistas como uma tentativa de reafirmação da identidade e cultura locais que estão sendo “devoradas” pelo poder simbólico que o inglês impõe como língua do progresso, da ciência, do futuro, do emprego e da modernidade.

No segundo momento, a partir da última década, percebemos uma espécie de reterritorialidade do inglês, ao contrário do que muitos acreditavam há 20 anos, a língua inglesa passa a não mais apoiar-se na economia americana ou na *Commonwealth*<sup>74</sup> para manter seu *status*. Ela se sustenta no 1,5 bilhão de pessoas (Graddol, 1997, p. 10) que a utilizam como língua internacional e em todos os países do globo que lhe impõem transformações locais, muitas, inclusive profundas, tendo como efeito disso o surgimento, por exemplo, do hin-

---

<sup>72</sup> Aqui nos referimos ao conceito de território simbólico (Haesbaert, 2004, p. 4).

<sup>73</sup> A Lei Toubon (1994) e o Projeto de Lei Aldo Rebelo (1999) restringiam o uso de idiomas estrangeiros, inclusive no campo privado e por isso causaram muita polêmica e dividiram opiniões. A primeira foi modificada e a segunda ainda tramita no Congresso Nacional, sendo aprovada pela Comissão de Constituição de Justiça da Câmara em dezembro de 2007.

<sup>74</sup> A *Commonwealth* ou Comunidade das Nações é uma organização liderada pelo Reino Unido, chefiada pela rainha Elizabeth II e composta por 53 países, a maioria, antigas colônias britânicas.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

glish, na Índia e do singlish<sup>75</sup> em Cingapura, dando características locais à língua global, numa espécie de adaptação do inglês, seja adicionando vocabulário local, considerando variações culturais locais e/ou desenvolvendo diferentes formas de pronúncia. Isso comprova que mesmo o mundo estando “menor” após um processo de uniformização através do inglês, como de certa forma nos mostram as três teorias sobre globalização, um processo de diferenciação e transformação cultural pode ocorrer, inverso ao primeiro. Dessa forma novas identidades emergem, e essas variações da língua inglesa refletem essas novas identidades, num processo de ressignificação da língua, ligada à modernidade-mundo (Ortiz, 2004, p. 11) e ao território-mundo (Haesbart, 2007, p. 50). É nesse contexto que a língua inglesa se reterritorializa.

Neste processo de desterritorialização seguido por uma reterritorialização, a língua inglesa deixa de ser uma língua americana, deixa de ser estrangeira e passa a representar uma identidade global, criada pela globalização e pertencente a todos, por sermos todos atingidos por esse processo. Ortiz (2004, p. 10) diz que o inglês passa a constituir-se num idioma interno, autóctone à condição da modernidade-mundo. A língua inglesa começa a ser vista como língua mundial e não mais como língua imperialista ou de dominação.

Este fenômeno produz “novos ingleses”, por exemplo, com modificações na pronúncia; transposição lexical; adaptação da escrita; transposição de sintaxe, por exemplo, *You are tired?* tipos de frases muito comum em salas de bate-papo ou no MSN. As foto-grafias a seguir demonstram isso:



---

<sup>75</sup> O singlish é um crioulo de base inglesa que surgiu em Cingapura, com incorporações do chinês e o hinglish é considerado por enquanto uma variação do inglês com vários léxicos hindis. (Rajagopalan, 2009; Crystal, 2004, p. 38).

## Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

Fontes: Site Viaje na viagem [viajenaviagem2.zip.net](http://viajenaviagem2.zip.net) e Blog Pequena Lou pedalando na Holanda [pequenalou.blogspot.com/2007\\_02\\_01\\_archive.html](http://pequenalou.blogspot.com/2007_02_01_archive.html) (Postado em fevereiro de 2007).



Fonte: Blog Modernidade – Santarém (PA) Postado em setembro de 2008 [dannieoliveira.blogspot.com/.../modernidade.html](http://dannieoliveira.blogspot.com/.../modernidade.html)

Na primeira vemos uma tradução em uma placa em Jijoca de Jericoacoara (CE). Na segunda foto aparece a frase “Door not close”, escrita por um neerlandês (holandês), em que temos uma transposição da sintaxe, inglês com sintaxe holandesa. Na terceira foto temos a palavra inglesa “Lan House” de acordo com a grafia do português. Na última foto podemos ver o singlish em Cingapura.

Com o surgimento de novas variações do inglês, fortalece-se também a presença um inglês padrão, *standard*, essencialmente escrito, impresso, utilizado em jornais e periódicos, internet e *sites* com a finalidade de unificar o inglês em todo o mundo. O que nos mostra uma espécie de processo globalizante de uma variação local do inglês europeu ou americano de maior prestígio e “tradição” que seria de certa forma para alguns uma tentativa, sem efeito, de unificar a língua inglesa, silenciando as demais variações.

Contudo, neste processo de contato, a língua inglesa também se modifica. David Crystal (2004, p. 42) afirma que, segundo o *Oxford Dictionary*, o idioma anglo-saxão tem palavras originárias de 350 línguas diferentes e que do ponto de vista lexical, o inglês seria uma língua neolatina.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Em 1066, a Inglaterra é conquistada pelo Duque da Normandia, Guilherme I. Durante os duzentos anos seguintes, o francês foi a língua das elites governantes e o contato com o franco-normando foi o responsável pela predominância do léxico latino sobre o anglo-saxão (Pires, 2002, p. 24).

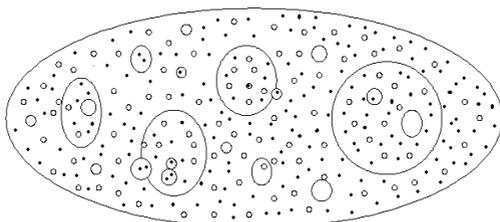
## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

Vale ressaltar que a língua inglesa não apagou as identidades locais, as nacionais e as territorialidades locais anteriores, por isso destacamos nesta segunda etapa, também um processo de multiterritorialidade, dentro da territorialidade do inglês, onde além das variações da língua exercerem um novo poder simbólico, como já foi dito, outras línguas ressurgem nesse novo contexto de mundo multipolar, com a ascensão de novas potências regionais como o Brasil, China, Índia e Federação Russa. No entanto, estamos vivendo apenas o início dessa nova forma do processo globalizante, por isso não podemos desconsiderar a perspectiva temporal. Haesbaert (2004, p. 1) endossa a análise ao afirmar que a multiterritorialidade

...aparece como resposta ao processo identificado por muitos como “desterritorialização”: mais do que perda ou desaparecimento dos territórios, propomos discutir a complexidade dos processos de (re)territorialização em que estamos envolvidos, construindo territórios muito mais múltiplos ou, de forma mais adequada, tornando muito mais complexa nossa multiterritorialidade.

Atualmente vivemos uma multiterritorialidade linguística, em que a inglesa é a maior e a mais presente, porém outras convivem, resistem e/ou interagem com ela, de forma complexa, como tentamos representar no esquema a seguir:

### **Multiterritorialidade linguística**



Nesta imagem consideramos a territorialidade inglesa, língua global, envolvendo e influenciando todas as demais.

Tal fase atual de multiterritorialidade contesta muitos linguistas que, no final dos anos 1970, previam a extinção da maioria das línguas nos próximos cem anos (com exceção do inglês), porque um grande número de pequenas comunidades seriam afetadas pelo processo de globalização, afinal 90% das línguas do mundo estão localizadas em regiões tropicais e são faladas por menos de 3% da popula-

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

ção mundial (Crystal, 2004, p. 40). Ao contrário do que previam, hoje vemos o crescimento da internacionalização do português e da presença da língua chinesa e do hindi.

Essa concepção de multiterritorialidade nos traz novos desafios a respeito da globalização, novos conceitos como o multilinguismo, que pressupõem respeito e convivência, assim como muitas incertezas, porém, depois de tantas transformações no mundo em tão pouco tempo, nos faz refletir sobre o futuro, que sem dúvida, chegará mais rápido que esperamos, e sobre as ações, ainda possíveis, para construir um planeta melhor e mais justo.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAGNO, Marcos. Entrevista a revista *Caros Amigos* de fevereiro de 2008, p.30-36.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: Edusp, 1996.

CALVET, Louis-Jean. *Globalización, lenguas y políticas lingüísticas* In: *Synergie*. Santiago, 2005. Disponível em: <http://perso.wanadoo.fr/Louis-Jean.Calvet/> Acesso: julho de 2008.

COSTA, Edmilson. *A globalização e o capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

CRYSTAL, David. *English as global language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

———. *The Past, Present, and Future of World English*. Site: <http://www.davidcrystal.com/>, 2004 Acesso: outubro de 2008.

DOUZET, Frédérick. *O pesadelo hispânico de Samuel Huntington*. In: LACOSTE, Yves & RAJAGOPALAN, Kanavillil (orgs.). *A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.

GRADDOL, David. *The Future of English*. Londres: The British Council, 1997.

HAESBAERT, Rogério, *Dos múltiplos territórios a multiterritorialidade*. In: <http://www6.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>. Porto Alegre: UFRGS, 2004. Acesso: outubro de 2008.

## **Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04**

——— & LIMONAD, Ester. O território em tempos de globalização. **In:** *Revista Eletrônica de Ciências Sociais Aplicadas* n° 2 (4), vol. 1. Niterói: UFF, 2007.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. **In:** MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma linguística aplicada interdisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MARIANI, Bethania. *Colonização linguística*. Campinas: Pontes, 2004.

ORTIZ, Renato. As Ciências Sociais e o inglês. **In:** *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. Vol. 19, n° 54, fev. 2004.

PENNYCOOK, A. *English and the discourses of colonialism*. Nova York: Routledge, 1998.

PIRES, Eliane Cristine Raab. *A língua inglesa: uma referência na sociedade da globalização*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança, 2002.

RAJAGOPALAN, Kanavillil, Minicurso Introdução à Política Linguística. **In:** *VI Congresso Internacional da Abralín*. João Pessoa: Abralín, 2009.

SOUZA, Álvaro José. *Geografia linguística: dominação e liberdade*, São Paulo: Contexto, 2001.

WRIGHT, Sue. *Language Policy and Language Planning*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.